

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS. PEDRO BOSCH-GIMPERA - EL PROBLEMA INDOEUROPEO.

CARDOSO, Mário

Ano: 1960 | Número: 70

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notas Bibliográficas. Pedro Bosch-Gimpera - El problema Indoeuropeo. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 305-309.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Termas; bronzes e pinturas etruscas dos séculos IV e V a. C. e bronzes votivos ibéricos do célebre santuário de Despeñaperros (Jaen); a famosa «Dama de Elche»; cerâmicas e bronzes célticos, das épocas de Hallstatt e de La Tène; pinturas pompeianas dos primeiros séculos da era cristã; esculturas e pinturas da decadência do Império romano; joalharia visigótica do século V-VI de J. C.; finalmente, obras de arte românicas dos séculos VIII-X.

Pela sua documentação, esmeradamente seleccionada, este livro constitui uma magnífica colectânea de obras-primas da arte europeia, superiormente comentadas por um crítico que simultaneamente é um erudito pré-historiador e um arqueólogo da maior competência. Obra indispensável, portanto, na mesa de trabalho dos estudiosos, quer se trate de cultores de estudos da Antiguidade, quer de artistas plásticos, que muitos motivos de interesse podem encontrar neste livro precioso sobre a evolução, conceitos, interpretações e conexões da Arte do mundo antigo, através dos tempos.

Tal como o volume do mesmo autor sobre Arte rupestre europeia, é esta obra enriquecida com vários índices: bibliográfico, onomástico, geográfico, etc.

Estas duas esplêndidas obras, das quais acabamos de fazer a breve recensão, foram amavelmente oferecidas à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, em permuta com edições desta Instituição vimaranense, pela Ibero-Amerikanische Bibliothek, de Berlim, da qual é Director o Prof. Dr. Hans-Joachim Bock.

Pedro BOSCH-GIMPERA, **El problema Indoeuropeo**. Ed. do Instituto de História da Universidade Nacional Autónoma de México. 1960. I vol. de 339 págs. e 20 mapas.

O Professor Bosch-Gimpera, um dos cientistas espanhóis mais conhecidos em todo o mundo da Cultura, pelos seus notáveis trabalhos de etnologia primitiva e de pré-história peninsulares, acaba de dar a lume mais uma obra de profunda erudição sobre o problema da origem e movimentos dos povos indo-europeus.

A solução deste complexo problema, ainda longe de se encontrar, em todas as suas incógnitas, é fundamental

para a interpretação de outro problema do maior interesse para nós, portugueses e espanhóis—o da etnologia da Península Ibérica, ou seja, das origens e formação dos povos históricos do nosso território, tantas vezes ocupado e influenciado por gentes indoeuropeizadas ou não.

Já em obras de tomo anteriores a esta, e bem assim em numerosos trabalhos dispersos em Revistas da especialidade, o Professor Bosch-Gimpera abordara o complicado problema etnológico peninsular, sendo dignos de citação especial os volumes *Etnologia de la Peninsula Ibérica*, que publicou em 1932, quando ainda Professor da Universidade de Barcelona, e *La formación de los pueblos de España*, vindo a lume em 1944, já Professor da Universidade do México.

O eminente Professor termina as breves palavras com que antecede o começo do novo livro, que acaba de publicar, dizendo que apenas pretendeu dar uma visão geral de como o problema dos indo-europeus tem sido até hoje apresentado, e, pondo em destaque a sua complexidade, propõe simultaneamente os seus pontos de vista pessoais, sujeitos evidentemente a discussão.

Problemas científicos desta natureza e vastidão apenas se tornam acessíveis a investigadores, tais como o Prof. Bosch-Gimpera, que disponham de uma excepcional erudição e cultura, de uma soma de conhecimentos por assim dizer ilimitada, para conseguirem abranger, em visão de conjunto, um panorama tão extenso como é o da formação dos povos, que demanda múltiplas bases, apoiadas na linguística, na filologia, na onomástica, na pré-história e na arqueologia, na antropologia cultural e física, a fim de poder deduzir-se em que medida se verificam coincidências, correlações ou divergências, para se conseguir chegar finalmente a conclusões positivas, ou a hipóteses aceitáveis, sob um ponto de vista crítico logicamente apresentado.

Ora, este problema inúmeras vezes tratado por diversos cientistas, e agora, mais uma vez, pelo sábio Professor da Universidade do México, oferece as maiores dificuldades por abranger e interessar a maior parte dos povos da Europa, tornando-se portanto indispensável conhecer a origem, primitivos roteiros e domicílios desses vagos remotos povoadores do Ocidente, durante os tempos neo-eneolíticos, para se poder construir qualquer hipó-

tese verosímil que autorize a atribuir uma origem única, um mesmo tronco étnico e um lar comum aos povos que, já na alvorada do horizonte histórico, nos aparecem com afinidades culturais e etnológicas que levaram os investigadores a considerá-los procedentes de uma raiz comum indo-europeia. É um problema de reconstrução antropológica e cultural vastíssimo, em que as soluções pelo método linguístico, e principalmente arqueológico, ocupam um papel primacial.

O Prof. Bosch-Gimpera começa por nos apresentar o problema em equação, nas suas linhas gerais, após o que descreve as tentativas de solução, facultadas pela Arqueologia e pela Linguística, passando em revista crítica as modernas teorias de diversos autores, na sua maioria contemporâneos, como Childe, Hawkes, Kühn, Powell, Hencken, Laviosa-Zambotti e outros.

Analisa depois as diversas etapas das Culturas europeias, desde o Mesolítico ao final do Bronze, e os grandes movimentos de povos, na transição para a Idade do Ferro e nas épocas históricas.

Como resultado geral da análise de este processo cultural, étnico e linguístico, o Prof. Bosch-Gimpera conclui por afirmar, rompendo com muitos pontos de vista tradicionais, que na procura da solução do problema dos povos que constituem o ramo indo-europeu, se tem de abdicar da ideia pré-estabelecida de uma unidade racial originária (*Urvolk*), considerando apenas concreções várias, assentes em agrupamentos mesolíticos também variados, pelo que se tem igualmente de pôr de parte a ideia de uma pátria comum (*Urheimat*). A larga expansão da Cultura neolítica e as relações entre os grupos de populações tenderam naturalmente a fazer desvanecer certas diferenciações e a provocar assim a formação de novas étnias, embora ainda em estado fluido, que só em etapas já muito avançadas cristalizaram numa personalidade mais ou menos estável.

Quanto à hipótese de uma língua comum (*Ursprache*), admite Bosch-Gimpera que, em certo momento remoto (talvez no V ou IV milénio a. C.), em determinado agrupamento, possivelmente o danubiano, a evolução linguística flexional teria plasmado a forma primária do idioma indo-europeu, a língua básica, num estado de mera fluidez, longe de poder considerar-se portanto uma lin-

guagem perfeitamente organizada, mas, tão somente em simples formação. Tal formação ir-se-ia aperfeiçoando progressivamente e difundindo entre os grupos humanos mais estreitamente relacionados entre si, acompanhando a expansão da Cultura neolítica, mas surgindo naturalmente diferenciações linguísticas, de harmonia com os diversos matizes étnicos.

No primitivo substracto, de origem não indo-europeia, do Ocidente da Europa, que só em plena Idade do Ferro, por virtude do movimento e contacto com os povos célticos, foi tardiamente indo-europeizado, alguns povos litorais extremos mantiveram, apesar de tudo e devido naturalmente à sua posição geográfica, a sua personalidade própria, tais como os *pictos* da Escócia, os *oestrímnios* da Bretanha, e, na Península Ibérica, os povos da Cultura megalítica portuguesa, os *iberos* da Cultura de Almeria e argárica e os *vascones* da Cultura Pirenaica.

É esta, nas suas linhas gerais, a reconstrução hipotética que Bosch-Gimpera assinala ao problema indo-europeu, prescindindo «de momento de las teorías que han estado en boga acerca del pueblo originario, la patria originaria, la lengua originaria, las agrupaciones firmemente delimitadas desde un principio, las subdivisiones de los grupos siguiendo un sistema de ramificación parecido al árbol genealógico, la aplicación de los nombres de grupos e pueblos históricos a los primeros grupos indoeuropeos»

Após o capítulo dedicado às conclusões, que Bosch-Gimpera condensa em XXIII pontos essenciais, dá-nos o insigne Professor neste livro notável um acervo bibliográfico, por ordem alfabética de autores, no qual cita nada menos de 400 autores e cerca de um milhar de obras, grande parte delas publicadas em anos recentes! Não se pode dizer que o erudito etnólogo não esteja perfeitamente actualizado e inteiramente ao par de tudo quanto sobre o assunto do seu novo livro se tem escrito. Mas é curioso notar que, apesar disso, talvez a bibliografia portuguesa se possa considerar escassamente citada, visto aludir apenas a Mendes Corrêa, Leopoldina Paulo, Abade Roche e Russel Cortez, além dos Leisner, evidentemente, na parte em que na sua obra monumental sobre a Cultura megalítica da Península se referem a Portugal.

Completam o livro 10 mapas em folhas desdobráveis com as diversas etapas das Culturas europeias e as correspondentes influências indo-europeias, contendo ainda um pequeno apêndice de 8 páginas sobre as correlações da Arqueologia com a Linguística, da autoria de M. Swadesh, acompanhado também de 10 mapas elucidativos. E, finalmente, um índice onomástico.

Adolf SCHULTEN, *Geografia y Etnografía antiguas de la Península Iberica*, I. Ed. do Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueologia. Madrid 1959. 1 volume de 412 págs.

Editado pelo «Instituto Español de Arqueologia», do qual é Director o eminente catedrático da Universidade de Madrid, Professor de Arqueologia Dr. António Garcia y Bellido, veio a lume, no ano findo, o primeiro volume da versão espanhola da obra *Iberische Landeskunde. Geographie des antiken Spanien*, do grande hispanista alemão Prof. Dr. Adolf Schulten, há pouco falecido.

Esta primeira parte da última obra que o insigne historiador escreveu sobre a Península Ibérica foi vertida para castelhano pelo Prof. Dr. Helmut Schlunk, da Delegação madrilenha do Instituto Arqueológico Alemão de Berlim, tradução que ainda chegou a ser revista por Schulten. Apresenta, portanto, todas as garantias, de uma versão exacta e perfeita, e consequentemente tão valiosa como o próprio original alemão.

A *Geografia y Etnografía antiguas de la Península Iberica* é uma obra de suma importância para os cultores dos estudos da mais antiga história peninsular, interessando portanto especialmente aos estudiosos espanhóis e portugueses. Bom serviço prestou por isso o Instituto Español de Arqueologia «Rodrigo Caro», vulgarizando entre nós, com esta tradução, uma obra que, em alemão, não seria acessível a muitos estudiosos, desconhecedores dessa língua, pouco cultivada particularmente no nosso país, o que representa uma grave deficiência, dado que a moderna Cultura alemã é hoje indispensável a quem pretender acompanhar a evolução das ciências e da técnica, em qualquer ramo dos conhecimentos humanos.

Abrange esta tradução os cinco primeiros capítulos da obra original, versando respectivamente: I — *Genera-*